

**ONDE NENHUM ACIDENTE SEPARA AQUILO QUE É DAQUILO
QUE FOI: A BUSCA DA CIDADE AUTÊNTICA NAS RUAS DO
CAIRO POR VIAJANTES FRANCESES EM FINS DO SÉCULO XIX**
*WHERE NO ACCIDENT SEPARATES WHAT IT IS FROM WHAT IT
WAS: THE SEARCH FOR THE AUTHENTIC CITY ON THE STREETS
OF CAIRO BY FRENCH TRAVELERS IN THE LATE 19TH CENTURY*

Vera CHACHAM¹

Resumo: Desde o começo do século XIX a cidade do Cairo é considerada uma “cidade do passado” por viajantes europeus. Essa associação da cidade com o passado pode ajudar a compreender como se desenvolvem, em narrativas de viagens no fim do século XIX, a atribuição de *valores patrimoniais* à cidade *oriental* por viajantes europeus em busca da *cidade autêntica*, em meio a reformas urbanas no sentido de sua ocidentalização.

Palavras-chave: Cidades muçulmanas. Narrativas de viagens. Haussmanização. Ocidentalização.

Abstract: The conception of “city of the past” and the construction of values of preservation: the search of authentic Cairo in in late 19th century travel reports Since the early 19th century, the city of Cairo has been considered as a "city of the past", and has been highly regarded as such by European travellers. Such an association between the city and the past can help us to understand how, in late 19th century travel reports, the attribution of patrimonial values to the eastern city by European travellers is developed in a search for the authentic city, in the midst of the urban reforms aimed at its westernisation.

Key words: Muslin cities. Ocidentalization. Travel narratives. Haussmann.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, Mestre em Sociologia, Bacharel em História, Diretora de Proteção e Memória do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA/MG entre 2008 e 2010. Este artigo é uma versão de parte do capítulo 3 da tese de doutorado “A presença da imaginação histórica na literatura de viagens: Oriente, Brasil, século XIX”.

“Dans les villes d’Europe, même anciennes, celui qui veut, de leur présent, revenir à leur passé, ressemble à ces voyageurs qui, remontant un fleuve, sont arrêtés par une cascade. Ici, au contraire, aucun accident ne sépare ce qui est de ce qui fut.”

Abel Bonnard, Au Maroc.

Escrevendo no final da década de 1920, o escritor Abel Bonnard parece retomar, em sua narrativa de viagem ao Marrocos, uma tradição que já vinha se desenvolvendo pelo menos desde o início do século XIX: a da escrita da cidade muçulmana como uma cidade do passado, uma cidade que se conservaria no presente tal como teria sido séculos antes, na idade média - e a valorização desta aparente continuidade entre passado e presente.

Esta tradição, na literatura, tem em Gérard de Nerval um precursor. Em sua Viagem ao Oriente, de 1843, Nerval descreve o Cairo como uma cidade que conserva a mesma fisionomia do século XII.² Inicialmente decepcionado com o desencontro entre o Cairo literário das Mil e uma noite e a cidade suja e pobre que vê, Nerval começa a redescobrir a cidade oriental à medida que, andando pelas ruas do Cairo, foge do que é monumental em busca de aspectos do cotidiano, e do que está associado a tradições e espaços populares. Vários estudiosos da literatura de viagens romântica percebem em Nerval, nesse sentido, uma ruptura, um olhar novo. Segundo Carré,

o que Nerval procurava, antes de tudo, eram os espetáculos de rua, as cenas de café ou dos banhos turcos, os mercados de escravos, os encantadores de serpente, as festas da circuncisão e casamento, os funerais (CARRÉ, 1956, v.2, p.28).

Em suma, aspectos da cultura popular e urbana. Também Nouty (1958) aponta esta preferência do escritor como uma inovação:

Nous attendions une relation qui décrivît, comme tant d’autres, les mosquées du Caire, les tombeaux des kalifes et tous les lieux réputés parmi les touristes. Or nous sommes transportés au cœur du Caire populaire et nous en partageons la vie (NOUTY, 1958, p.18).

Uma das inovações da narrativa de Nerval está, portanto, na valorização de aspectos da vida urbana que, até então, não tinham interesse nem turístico, nem literário, nem político: “Quel soulagement de n’avoir plus à ingurgiter les habituelles descriptions qui ne font grâce d’aucun détail, les digressions érudites ou politico-

² Para uma comparação entre as associações literárias entre oriente e passado realizadas por Chateaubriand, Lamartine e Nerval ver : CHACHAM, V. A presença do passado na paisagem oriental: das ruínas monumentais a um oriente das ruas. **Revista Letras**, n. 60, p. 43-64, 2003.

sociales qui s'achèvent en assertions péremptoires.” (NOUTY, 1958, p.18). Esta perda de “nobreza” nos temas, que são agora populares, e dos lugares, que também o são, permite ao autor perceber de uma outra forma o passado e o presente orientais. Trata-se de uma cidade do passado, mas viva; ou de uma cidade do presente na qual se pode reviver o passado como aventura, como literatura, e assim escapar das referências ocidentais.

Também o escritor Eça de Queiroz, nas notas da viagem que fez ao Egito em 1869, toma parte desta tradição literária – de valorização da cidade oriental em seus aspectos tradicionais, populares, autênticos- por meio do estabelecimento do contraste com a moderna cidade europeia.³ Nas cidades ocidentais, diz Eça, em particular nas cidades reformadas nos moldes de Haussmann, “as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas.” Ali, “Tudo está contente no animal policiado – exceto a imaginação” (Eça de Queiroz, 1979, p.718). Já as “ruas duma cidade do Oriente – o Cairo” são, por sua vez, “para a imaginação do europeu, uma região livre, abundante e cheia” (p.720, grifos nossos). Seja devido à sua imaginação ocidental carregada de fantasias orientalistas, seja devido ao próprio contraste entre cidade oriental e ocidental, no entender de Eça a cidade oriental possui, em alguns lugares, o feitio de uma casa – íntima, a um só tempo pública e privada, um tipo de configuração que o Ocidente viria perdendo: a existência de lugares heterogêneos, passíveis de territorialização, e que constituiriam uma outra relação do habitante com sua cidade, com o que, de uma certa forma, o ideal urbano que surge com Haussmann marca uma ruptura. Esteticamente, esta cidade seria caracterizada por uma imprecisão, pelo imprevisto, pela confusão, pela interferência dos seus moradores. Na sua diferença em relação à cidade ocidental, a cidade “oriental” permitiria reviver, sincronicamente, outro tempo.

A transformação do olhar ocidental em relação à cidade muçulmana é perceptível mesmo em guias de viagem da época, pois o que antes era considerado apenas decadente tornava-se digno de referência.⁴ E assim como tiveram influência até mesmo sobre os valores turísticos, as imagens literárias – e, antes de tudo, as imagens pictóricas- tomaram parte do desenvolvimento de um olhar patrimonial, ou de um desejo de preservação em relação à cidade oriental. Com efeito, a percepção da cidade muçulmana como um lugar do passado, onde “nenhum acidente separa aquilo que é

³ Sobre a viagem de Eça ver: CHACHAM, Vera. Eça no Egito: encanto e desencanto na cidade oriental. In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**. FALE/UFMG, v.19. n.25, p. 121-152, jul./dez. 1999.

⁴ VOLKOFF, Oleg V. **Comment on visitait la Vallée du Nil: les 'guides' de l'Égypte**. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1967. 120 p.

daquilo que foi”, junto a com uma consciência de ruptura entre passado e presente vivida na Europa, podem ter feito da cidade muçulmana um ingrediente importante do processo de transformação da cidade em objeto patrimonial, exatamente quando esta corre o risco de se ocidentalizar por meio da “haussmanização”.

Embora já na época da visita de Eça de Queiroz, por exemplo, o Cairo vivesse um processo de transformação, a haussmanização ainda era para ele uma realidade basicamente ocidental e, pelo menos para o escritor, a cidade, mesmo que multifacetada, era ainda “única”, plenamente incorporável a uma imagem prévia e “autêntica” do Oriente. A partir da década de 1870, outros viajantes irão distinguir claramente, no contexto de uma devastadora reforma urbana, duas cidades dentro do Cairo.

A reforma urbana do Cairo tomava parte, em grande medida, de um processo de vinculação (e dependência) do Egito em relação ao Ocidente. É preciso dizer que o esforço de “modernização” ou de ocidentalização do Egito surge das suas próprias elites, no processo de ruptura com o Império Otomano. Desde Muhammad Ali (1805-1848), que deu o primeiro passo nesse sentido, são tomadas uma série de medidas – racionalizantes em termos econômicos, não democráticas ou sociais – com o objetivo de tornar o Egito capaz de fazer frente, a um só tempo, ao Império Otomano e às potências ocidentais, através da introdução, inclusive, de algumas técnicas e instituições ocidentais.

Inicialmente, o interesse das elites se dirigia, sobretudo, aos grandes projetos nacionais no domínio da irrigação, dos canais, das barragens, assim como do exército e dos arsenais. A cidade do Cairo em si não parecia estar entre seus principais interesses. Contudo já na década de 1830, sob a pluma de um participante de uma missão egípcia na França, Paris é vista como um reflexo da civilização ocidental, à qual se pode opor a “rudeza e a selvageria” do Cairo: “Il est evident que la ville témoigne d’un degré de civilisation égal à ses lumières”, escreve Riffaaf (apud Zakarya, 1991, p. 561). Paris e sua arquitetura são aos seus olhos o sumo do refinamento, surgindo claramente como um modelo a ser seguido, sobretudo no que diz respeito às questões de higiene. Contudo, somente trinta anos depois esta fascinação é colocada em prática e a influência européia nesta área torna-se determinante a partir da década de 1860, especialmente no reino de Ismail Pacha (1863-1879). Seu projeto de modernizar o Cairo era guiado pelo sonho de construir a “Paris do Oriente”. O resultado, segundo Zakarya (1991), foi menos uma assimilação cultural do que uma imitação servil do modelo francês. Após a abertura de uma série de novas ruas inspiradas na Rua de Rivoli, em Paris, ligando a região de El Ezbekieh à estação, depois à “Cidatelle”, de longas avenidas retilíneas, tais como a “Rua das Pirâmides” e a “Rua do Nilo”, da construção de uma via férrea, “des

quartiers entiers furent rasés pour faire place à des quartiers neufs et plus beaux, selon les sens de l'Européen moderne".⁵ O projeto atinge seu ápice com a destruição das casas que circundavam o lago de El Ezbelieh, admiradas por cairotas como pelos viajantes estrangeiros, sob o argumento do perigo que representavam as águas paradas para a higiene pública.

É preciso lembrar que, diante desta e outras reformas e transformações "à maneira do ocidente", a maior parte das narrativas de viagens acerca das cidades orientais era conduzida tranqüilamente pela idéia de um progresso trazido pelo Ocidente. A preeminência dos valores da civilização ocidental é nítida, por exemplo, em *Les Français en Égypte*, de Pierre Giffard.⁶ Desde a sua visão inicial, Alexandria é avaliada como um prolongamento da Europa, e um dos grandes símbolos desta continuidade da ocidentalização é a haussmanização: "Em todo lugar as grandes linhas, grandes buracos, casas copiadas de Paris, Marselha, Nice. Prejudicial para o clima, mas conseqüência inevitável da influência francesa sobre o o país."⁷ A sua chegada ao Cairo não difere muito da primeira visão de Alexandria. Chegando no trem da noite, "à l'heure où les minarets des mosquées disparaissent dans la nuit", novamente é como se chegássemos na Europa, mais precisamente em Marselha: são as mesmas ruas espaçosas, as mesmas casas de cinco andares, as mesmas lâmpadas a gás "scintillant dans l'infini, tachant de vingt mille points lumineux la cité merveilleuse" (p.62). Para Giffard, mesmo que *os apaixonados em excesso pela cor local* possam se perguntar com razão se a haussmanização não foi longe demais,⁸ trata-se, acima de tudo, segundo sugere o autor, da intervenção da civilização no que antes era poeira e pântano.⁹

Note-se que, mesmo em um discurso colonialista como o de Giffard, existe a referência ao questionamento das reformas pelos "apaixonados em excesso pela cor local". Mas os relatos deste último tipo – *apaixonados em excesso...*- também tem lugar no contexto das reformas sofridas pelo Cairo. São do fim da década de 1870 e princípio da década de 1880 as publicações de dois viajantes que abordam a

⁵ EBERS. *L'Égypte*. Du Caire a Philae, p.33.

⁶ GIFFARD, Pierre. *Les Français en Égypte*. Paris: Victor Havard, 1883.

⁷ "Partout les grandes lignes, les grandes trouées, les maisons copiées sur Paris, sur Marseille, sur Nice. Mauvaise pour le climat, mais conséquence inévitable de l'influence française dans le pays." GIFFARD. *Les Français en Égypte*, p.59.

⁸ "Les amoureux de la couleur locale à outrance peuvent même se demander avec raison si l'haussmanisation n'est pas poussée trop loin." (p.67).

⁹ Para uma análise do discurso que acreditamos ser predominante entre viajantes franceses: CHACHAM, Vera. Progresso e impureza: viajantes europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas na segunda metade do século XIX. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, n. 33, p.25-48, abr. 2003.

ocidentalização de forma bem menos otimista, quer seja demonstrando seu limites e superficialidade, quer seja mostrando seus danos, sobretudo no Cairo. São flagrantes dos aspectos destrutivos da reforma nos moldes europeus.

Victor Fournel publicou, em 1883, *Aux pays du soleil*, uma narrativa de sua viagem da Espanha e Itália a Alexandria e Cairo, sendo que a parte relativa ao Egito foi publicada novamente, em separado, em 1897, como *D’Alexandrie au Caire*. Fournel foi um dos muitos jornalistas e escritores presentes no Egito por ocasião da inauguração do Canal de Suez. Sua especialidade era a descrição de cidades, sobretudo da sua face antiga, do que está em vias de desaparecimento. Dedicou pelo menos três livros às transformações de Paris e ao registro do que restava da antiga cidade. Já nas narrativas de Arthur Rhoné, podemos encontrar um paralelo mais explícito entre as transformações de Paris e as do Cairo, visto que o autor era engajado na defesa do patrimônio urbano em ambas as cidades. Dois de seus livros dedicaram-se especificamente ao que “restava” da antiga cidade oriental, “fixando seus traços” justamente no momento em que o modelo da cidade europeia começava a dominar a cena oriental. Em 1877 escreve *L’Egypte a petites journées*, a partir de um material reunido entre 1865 e anos seguintes, durante o reino de Ismaïl, considerado o reformador do Cairo. A atividade polemista de Rhoné prossegue em artigos da *Gazette des Belles Arts* e culmina na publicação, em 1882, de *Coup d’oeil du Caire ancien et moderne*. Atendo-se mais aos monumentos que aos costumes, Rhoné dedica-se, em posteriores artigos na *Gazette*, à polêmica sobre a destruição dos monumentos em Paris e à homogeneização das cidades do mundo. Os autores possuem em comum o interesse por aquilo que consideram como autenticamente oriental e capaz de remeter ao passado. Diferem, contudo, na avaliação das consequências da *haussmanização* para a preservação da autenticidade da cidade do Cairo.

No texto de Fournel, a haussmanização, assim como a própria cidade reformada, ocidentalizada, é vista em parte como um “verniz da civilização”, algo que não atinge as camadas mais profundas quer seja da cidade, quer seja da vida dos seus habitantes.¹⁰ Quando chega ao hotel “d’Orient”, no centro do “quartier franc”, o viajante percebe que “L’hôtel a une grande cour, arrangée à peu près comme un patio espagnol”. Ali, diz, “on me donne une chambre meublée à l’européenne” e “je pourrais me croire à l’hôtel du Louvre” exceto por dois detalhes, mais resultantes do acaso do que de uma opção cultural:

¹⁰ Cf. FURNEL. **D’Alexandrie au Caire**. As páginas das demais citações dessa obra estarão indicadas, no texto, entre parênteses.

la chambre n'a pas de cheminée, car la cheminée est inconnue en Egypte, et le lit est hermétiquement enveloppé dans un moustiquaire de mousseline transparente, où il faut s'insinuer avec les précautions les plus minutieuses, si l'on n'y veut être suivi par l'insecte féroce qui est la plaie des pays du soleil (p.42).

Os mosquitos são, como as palmeiras, signos do Oriente eterno – na verdade de todos os países tropicais, identidade sem cor. Fournel vê na constante presença das formas ocidentais uma superfície tênue logo desfeita pela renitente natureza oriental. Trata-se de um argumento inicial do autor para demonstrar que a semelhança pretendida com o ocidente é superficial, que “malgré des embellissements désastreux, malgré les tentatives de tous les pachas et spécialement du khédivé Ismaïl pour y faire pénétrer la civilisation européenne”, a capital do Egito permaneceu, ao contrário de Constantinopla, “la ville orientale par excellence” (p.43). A confirmação dessa permanência, no texto, se dá por uma série de *topoi*, como o do estranhamento (“Au Caire, on se sent tout à fait dans un autre monde”) que ainda existiria e iria se manter ainda por muito tempo graças a outro *topos*, o da imutabilidade do Oriente, devido à incompetência das suas elites.

Em parte, também, a cidade continuava a refletir, para Fournel, a imagem que dela fizeram os pintores orientistas – mesmo aqueles que não estiveram necessariamente no Cairo: “Du matin au soir, je me promène à travers un conte des Mille et une Nuits, je m'enivre de pittoresque, je me donne des débauches de Marilhat, de Ziem et de Decamps” (p.65). Destes nem todos possuem gravuras retratando a cidade, mas isso não importa, pois se trata da fidelidade a uma imagem genérica do oriente e não da memória de um lugar. Como Eça, como Nerval, o *topos* do indescritível¹¹ reafirma a existência da paisagem oriental: não-somente é impossível descrevê-la com fidelidade, mas também nominá-la, visto que “plus je la vois, plus je m'aperçois de tout ce qui me reste à voir et de l'impossibilité de la connaître en un vingtaine de jours” (p.59).

A permanência de certos *topoi* e de certos lugares reais contrapõe-se à experiência da mudança também narrada pelo autor, já que Fournel teve que se esforçar para encontrar os vestígios do antigo Cairo, quer seja nos novos bairros que conduzem da estação à cidade, quer seja na região central de Esbékieh.¹² A própria

¹¹ “Seulement si désireux que je sois de faire partager quelque chose de ces jouissances à mes lecteurs, je ne puis me dissimuler que tout cela a été déjà raconté et écrit bien des fois par des hommes qui avaient plus de loisir pour voir et plus de *talent pour peindre*. C'est pourquoi j'aurais grande envie de “briser mes pinceaux” avant même de m'en être servi (...)” (FOURNEL. **D'Alexandrie au Caire**, p.59).

¹² “cette place immense, jadis pleine de saltimbanques, d'escamoteurs, de charmeurs de serpents, de cafés indigènes, où l'on entendait résonner le zamir et le sagati, où l'on buvait dans un dé à coudre une liqueur exquise, servi par un nègre à robe blanche, mais dont on a abattu en grande partie les sycomores

observação de que se podia ver, ainda, no caminho da estação ao hotel, “dans un vaste espace laissé libre par les démolitions”, “deux saltimbanques à demi nus, grimaçants, immondes” (p.44), mostra o limite da presença dos antigos *topoi*: o que resta na parte mais turística do Cairo é uma imagem da decadência.

O significado da reforma é, contudo, para Fournel, restrito, porque o novo Cairo representa, para este viajante, um revestimento sobreposto à verdadeira cidade, que vive escondida. A imagem recorrente de “coulisse”, de fachada, mostra que se trata, de fato, de esconder não apenas a pobreza, mas tudo que remeteria ao atraso do Egito. O encobrimento do verdadeiro Cairo remete-se, no entender do autor, à inauguração do Canal de Suez, um momento que deveria marcar a entrada do Egito na modernidade, em todo o caso para os visitantes europeus: “Toute la ville moderne et civilisée était réunie sous leur yeux, à portée de leurs pas, et ils n’en ont pas vu d’autre” (p.60).¹³ A idéia de revestimento não procura questionar o fato da intensidade das reformas, mas demonstrar sua superficialidade, sua inoperância. Os costumes continuariam os mesmos, apesar da mudança do décor.¹⁴ Para Fournel, em suma, “cette civilisation-là n’est qu’un vernis, qui ne pénètre pas l’âme de la nation et se juxtapose à ce qui l’entoure sans s’y mêler” (p.141). Na cidade como nos homens – na civilização oriental – não teria havido uma penetração real do “ocidente”, ou da civilização: “Les fonctionnaires ont beau suivre nos modes, avoir fréquenté nos écoles et nos boulevards, lire nos romans et nos journaux – grattez cette écorce et vous retrouverez le turc, c’est à dire l’homme malade” (p.141).¹⁵ A incapacidade de mudança diz respeito à inaptidão das elites em copiar as estruturas que se encontram sob as aparências, o que poderia implicar na sua própria destruição e, em certo sentido, da sua própria civilização. Assim, o Oriente tornar-se-ia mais oriental quando procurava ocidentalizar-se; havendo, assim, uma continuidade entre presente, passado e futuro sob a aparência da transformação.

Escrevendo pouco antes de Fournel, Arthur Rhoné percebe de forma diversa as transformações urbanas do Cairo: a cidade antiga já se transformara para ele em ruína.

et les acacias gigantesques pour la livrer aux entrepreneurs de bâtisses et en faire une contre façon du parc Monceaux.” (Ibidem.p.62).

¹³ “les postes, le télégraphe, les estaminets, les trois théâtres, les avenues et les boulevards, qui leur ont paru fort beaux, mais qui livrent le piéton sans défense aux ardeurs du soleil et aux tourbillons de poussière” (Ibidem, p.130).

¹⁴ Seu diálogo com um jovem *bey* que o acompanhava à estação por ordem do governo, ilustra todo o ceticismo do autor frente à descrição orgulhosa dos progressos da civilização sob Ismail (cf. Ibidem, p. 139).

¹⁵ Mais grave ainda: quanto mais o governo se esforça em imitar a Europa e maravilhar os viajantes, “plus il s’éloigne du but qu’il veut et croit atteindre, plus aussi il accentue et fait ressortir par le contraste le vieux fond de misère indigène et de barbarie musulman”. (FOURNEL, **D’Alexandrie au Caire**, p.141).

Não a ruína modelada pelo tempo, mas uma ruína fabricada pelos homens, voluntariamente. Rhoné havia conhecido o Cairo em 1864, quando a cidade era ainda o *oposto de Paris*: nenhuma casa com cinco andares, nenhuma calçada, nenhuma iluminação pública. Não apenas o Cairo estava ainda “dans toute sa splendeur arabe et musulmane” mas, sobretudo, o tempo longo, secular, era ainda o senhor da decadência oriental: “Au pied d’innombrables mosquées de tous les âges, dont quelques-unes mouraient pacifiquement entourées d’un saint respect, couraient des rues sinueuses et abritées, animées par une foule joyeuse et bariolée.”¹⁶ Em *Coup d’oeil sur l’état du Caire ancien et moderne*, escrito em 1882, Rhoné volta à mesma imagem e argumento: de que quinze anos antes, no começo do reino de Ismaïl, a cidade do Cairo estava ainda intacta, “car si ses monuments et ses rues continuaient paisiblement de tomber en ruine selon la coutume séculaire de l’Orient, du moins on n’y avait rien tenté comme travaux, dits d’embellissement et de restauration.”¹⁷

Em que pese o *topos* recorrente em relação ao Oriente, isto é, da ruína e do abandono como um verdadeiro “costume”, esta decadência secular não é mais vista negativamente, tendo se transformado em uma quase natureza. Daí a morte pacífica, tranqüila e sagrada dos monumentos e das mesquitas. Naquele contexto, tudo naquela antiga cidade “combinava” ainda entre si, compondo uma paisagem harmônica, na qual estavam incluídos os homens. Trata-se claramente uma visão pictórica da cena urbana, onde os funcionários e os comerciantes, “qui rougiraient aujourd’hui de se montrer autrement qu’en costume européen”, ainda se abandonavam displicentemente em seus longos “caftans soyeux”, cujos reflexos cintilantes integravam-se à harmonia geral: uma seqüência ininterrupta de *mouchàrabys* que iam se aprofundando na perspectiva das ruas até que pudesse ser visto ao longe um elegante minarete. A referência pictórica da descrição urbana se compõe de uma harmonia das cores e formas, que teria fim, para o autor, com o que se definia como alinhamento urbano: alargamento de ruas, supressão dos muxarabis, destruição de impasses, etc.

Ao contrário de Fournel, para quem ainda levaria um século – dentro, portanto, do costume oriental – para que se pudesse remover a originalidade do Cairo, Rhoné percebe que em quinze anos havia se destruído mais do que “um século do tempo passado”. A cidade oriental é agora objeto da mesma renovação – *banal* – sofrida pelas cidades ocidentais. Trata-se de uma transformação que vai além das aparências. Assim, mesmo sob a perspectiva de um viajante preocupado fundamentalmente com a

¹⁶ RHONÉ. *L’Egypte a petites journées*, p.2.

¹⁷ RHONÉ. *Coup d’oeil sur l’état du Caire ancien et moderne*, p. 1.

preservação de um patrimônio artístico no Cairo, salvar o velho Oriente ou, em todo caso, sua capacidade de evocar o passado, vai além dos monumentos individuais e da própria arquitetura, abrangendo a cidade como um todo, pois os monumentos, as paisagens, as sensações e os homens parecem se confundir no Oriente. O espaço é, para Rhoné, um aspecto da própria vida e pode-se dizer que em certa medida esta transformação é irremediável. A transformação física não era para Rhoné apenas aparência, mas dizia respeito a toda uma concepção do oriente. Não se trata somente de salvar ruas, casas e mesquitas, mas, em certo sentido, uma civilização.

É o que expressa inclusive a decepção de Rhoné perante a aparente inexistência do mercado de escravos: “Nous arrivons trop tard pour connaître les mystères de cette cour, car les marchés publics d’esclaves sont supprimés depuis Méhémet-Ali (...)”. (Rhoné, 1910, p.268) O que ocorre inclusive com o mais importante de todos, aquele no qual Gérard de Nerval teria encontrado a escrava Zeynab, “qui lui causa tant de tribulations, mais à laquelle il doit sa réputation d’homme d’esprit.” (p.268). Aventura ficcional, sabemos hoje. Mas que importa? Trata-se da perda de uma referência literária, da memória literária ocidental. A razão para o fim do mercado público de escravos deixa o autor ainda mais indignado, porque se trata de uma concessão que uma cultura faz a outra:

Quand l’Orient s’aperçut que la vieille dame qu’on appelle l’influence européenne commençait à le regarder de travers en détournant ses yeux pudibonds, il se mit à rougir de ses almées, de ses cantons vagabonds et de ses marchés d’esclaves, comme il rougit encore, et cette fois bien à tort, de ses ruelles pittoresques (Rhoné, 1910, 268).

A conclusão, que procura ser “politicamente correta” (ainda que ao estilo do século XIX: “Evidemment l’Egypte a bien agi en éloignant de la vue cette mise em scène affligeante”), acaba reiterando a prioridade do princípio de nacionalidade, quando diz que o país fez bem em não abolir o princípio da escravidão, “qui en Orient ne ressemble en rien à ce qu’il était en Amérique” (Rhoné, 1910, p.268).

Trata-se para o autor, da necessidade de preservação das diferenças em um mundo onde há cada vez menos exotismo. O que indigna de fato o viajante é a perda da originalidade, e o principal motivo da defesa por vezes intransigente desta última parece encontrar-se no receio de uma homogeneização mundial do espaço, que aparece de forma recorrente nos escritos de Rhoné. Antes de tudo, trata-se de uma homogeneização interna, vivida pela Paris reformada. Rhoné ecoa, nesse sentido, uma tendência que vinha se desenvolvendo na França desde Victor Hugo, a partir da década

de 1820.¹⁸ Mais de cinquenta anos depois da *Guerre aux demolisseurs* travada por Hugo, havia acontecido o que parecia inimaginável para o escritor:

Désormais, où qu'il dirige ses pas, l'habitant de Paris est pris et entraîné dans un réseau de rues démesurément longues, larges et droites dont l'effet, très utile, n'en a pas moins pour résultat de répandre partout l'implacable monotonie des villes d'Amérique les mieux réputées pour l'ennui.¹⁹

Com efeito, o parâmetro das cidades americanas já era de fato inquietante para o europeu, pois, como lembra Jullien (1992), as cidades da América do Norte não possuíam nenhum dos dois componentes da identidade urbana européia: nem monumentos, nem "limites". Um fantasma que culminava, na época, com a cidade de Nova Iorque, que encarnava a perda de identidade, com sua organização geométrica, ruas cortando-se em ângulos retos e identificadas não por meio de nomes, mas por meio de números: "Une ville où les rues sont des nombres, c'est comme un peuple où les hommes sont des machines; cela semble n'avoir ni traditions ni patrie; c'est une vaste hôtellerie ouverte à tout venant, où l'argent seul distingue les hommes".²⁰

A América era o novo padrão e o contraste que possibilitava identificar, em sua diferença, a velha Europa e o Oriente. O fim da cidade oriental tornava-se ao mesmo tempo risco de perda de alteridade e de identidade, de uma história que unia Europa e Oriente. As cidades européias seriam apenas as primeiras de uma longa lista de cidades que perderiam seu vínculo com o passado. Esta tentativa de tornar "uniformes et pareilles à New-York" cidades como Paris, Rome, Alger, Constantinople, Jerusalem e o Cairo" já é palpável, para Rhoné, nesta última cidade, que quase mais nada possuía do horizonte que, em 1869, podia ainda encantar Théophile Gautier: as antigas casas com muxarabis, e as árvores enormes entre as quais podia-se reconhecer "ceux qui avaient posé pour Marillat, agrandis encore par le temps écoulé, et garnissant le milieu de la place avec leurs dômes de feuillage d'un vert si intense qu'il paraissait presque noir".²¹ O autor cita Gautier, que antes citou Marillat: uma memória literária e artística, mais do que vivida. Uma memória da imagem ocidental do Oriente.

¹⁸ Este último, denunciando as demolições dos monumentos medievais na França, antevia que o vandalismo "veut faire tout à travers de Paris une grande, grande, grande rue. Une rue d'une lieue! ». HUGO, Victor. *Guerre aux démolisseurs*. **Revue des deux Mondes**, p.616, mars, 1832.

¹⁹ RHONÉ, Arthur. Le vandalisme à Paris. **La chronique des arts et de la curiosité**. Supplément a la Gazette des beaux-arts, p.36, 31 jan. 1885.

²⁰ Apud. JULLIEN, Dominique. **Récits du Nouveau Monde**, p.71. Note-se a ambigüidade da crítica: pois se é verdade que ela diz respeito à falta de valores e identidade decorrentes da homogeneização de ruas e homens, pode significar também uma crítica a outras formas de indiferencialização, à indistinção de origem.

²¹ Théophile GAUTIER, **L'Orient**, II, p.191. Citado por RHONÉ, **Coup d'oeil**, p.18.

Em parte, trata-se de uma inquietação inquestionavelmente eurocêntrica: nesse mundo que caminhava para a homogeneização onde encontrar refúgio? Ao passo que a americanização das cidades expande-se, coloca em risco a possibilidade de evasão:

Ce goût-là envahit le monde entier à pas de géants, et quand, échappant au spleen ou aux affaires, on voudra profiter du bon marché et de la rapidité des moyens de locomotion pour aller loin se retremper au contact des souvenirs, et de la nouveauté des aspects inconnus, on ne le pourra plus.²²

A função da viagem perderia mesmo sua razão de ser, justamente quando se tornava acessível, pois as cidades tenderiam a igualar-se.²³ É certo que não é somente esta ansiedade turística que move o viajante em questão na sua defesa da autêntica cidade oriental mas, nesse discurso anterior à crítica ao colonialismo, é possível perceber a importância necessidade de preservação de uma alteridade oriental para o europeu. É preciso haver algo como um museu para preservar as sensações. Nesse sentido, assim como o discurso imperialista e progressista, também este discurso preservacionista parece possuir um tom de possessão: o que faremos sem esta possibilidade de evasão, nossas telas de Marillat, as descrições de Nerval? Muito antes que Victor Segalen teorizasse sobre a importância estética de manter, *a todo custo*, as diferenças entre as culturas, surge uma necessidade de preservar a alteridade que, se parece trazer certo questionamento dos ideais europeus de progresso ocidental, não coloca em questão o colonialismo europeu.²⁴

BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

CARRÉ, Jean-Marie. Voyageurs et écrivains français en Egypte: 1933. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1956. 2v.

CHACHAM, Vera. Progresso e impureza: viajantes europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas na segunda metade do século XIX. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n.33, p.25-48, abr. 2003.

²² RHONÉ, Arthur, Le vandalisme à Paris. **La Chronique des arts et de la curiosité**, p.36.

²³ "Si bien que les citoyens des métropoles américaines seront les seuls à ne pas s'en apercevoir et à n'en point souffrir." (Ibidem).

²⁴ Engajado na preservação de monumentos, Rhoné admite que se restaura bastante no Cairo. Contudo, "cette capitale qui, avec le règne d'Ismaïl, semble avoir pris honte de ses beautés natives pour se mettre à la mode de Paris, n'a pas encore songé à prendre de nous, avec le respect tardif du passé, l'art patient, raisonné, prudent de nos restaurations historiques fondé par les Lassus et les Viollet-le-Duc" (RHONÉ. **Coup d'oeil...**, p.4).

JULLIEN, Dominique. **Récits du Nouveau-monde**: les voyageurs français en Amérique de Chateaubriand à nos jours. Paris: Nathan, 1992.

NOUTY, Hassan el. Le Proche-Orient dans la littérature française, de Nerval à Barrès. Paris: Nizet, 1958.

ZAKARYA, Mona. L'inscription du discours occidental dans l'architecture et l'urbanisme orientaux. In: BURGAT, Marie-Claude (éd.). **D'un Orient l'autre**. Paris: CNRS, 1991. 2v. v.2, p.559-574.

CORPUS DOCUMENTAL

BONNARD, Abel. **Au Maroc**. Paris: Emile-Paul Frères, 1927.

EBERS, Georges. **L'Égypte**: Du Caire a Philae. Paris: Librairie de Firmin-Didot, 1881.

_____. **L'Égypte**: Alexandrie et le Caire. 2.ed. Paris: Librairie Firmin-Didot, 1883.

EÇA DE QUEIROZ. O Egito. Notas de viagem. In: **Obras de Eça de Queiroz**. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.3.

FOURNEL, Victor. **Aux pays du soleil**. Tours: Alfred Mme. et fils, 1883.

_____. Ce qu'on voit dans les rues de Paris. [s.l.: s.n.], 1867.

_____. (pseud. Bernadille, E. Guérard). **D'Alexandrie au Caire**. Tours: Alfred Mame et fils, 1897.

GIFFARD, Pierre. **Les Français en Égypte**. Paris: Victor Havard, 1883.

HUGO, Victor. Guerre aux démolisseurs. **Revue des deux mondes**, mars, 1832.

RHONÉ, Arthur. Coup d'oeil sur l'état du Caire ancien et moderne. Paris: Quantin, 1882.

_____. **L'Égypte a petites journées**: Le Caire d'autrefois. Paris: Societe Generale d'éditions. Henri Jouve, 1910.

RHONÉ, Arthur. Le vandalisme à Paris. In: **La chronique des arts et de la curiosité**: Supplément a la gazette des beaux-arts (artigos coletados entre 1885 e 1886).